



ESTUDOS
UNIVERSITÁRIOS

Revista de Cultura

60
anos

Relato

Texto recebido em: 31 jan. 2022. Aprovado em: 13 abr. 2022.

LUCAS, Carlos Henrique de; OLIVEIRA, Samuel Souza. Letramento digital para o combate às notícias falsas e à desinformação: a experiência do JADiH, projeto de extensão de direitos humanos da UFOB. Estudos Universitários: revista de cultura, UFPE/Proexc, Recife, v. 39, n. 1, p. 303-322, jan./jun., 2022.

<https://doi.org/10.51359/2675-7354.2022.253123>

ISSN Edição Digital: 2675-7354



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

Letramento digital para o combate às notícias falsas e à desinformação: a experiência do JADiH, projeto de extensão de direitos humanos da UFOB¹

Digital literacy to combat fake news and disinformation: the experience of JADiH, UFOB's human rights extension project

Carlos Henrique de Lucas

Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Doutor em Cultura e Sociedade

E-mail: carlos.lucas@ufob.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0001-8771-9349>

 <http://lattes.cnpq.br/7826528130382371>

Samuel Souza de Oliveira

Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB)

Graduando em Bacharelado Interdisciplinar em Humanidades

E-mail: samuel.o8583@ufob.edu.br

 <https://orcid.org/0000-0003-4596-8317>

 <http://lattes.cnpq.br/5980968152350072>

Resumo

Este relato de experiência versa sobre o projeto de extensão *Jovens Ativistas pelos Direitos Humanos (JADiH)*, que teve por objetivo desenvolver e estimular uma participação cidadã crítica altamente engajada no combate

1. O projeto contou com o financiamento da Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec) da Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB) por meio do edital PIBEX 2020–2021.

às notícias falsas (*fake news*) e aos discursos de ódio, em especial aqueles disseminados no ambiente *online*. Preocupados com os ataques diretos aos valores democráticos e constitucionais e com a ampla utilização das redes sociais para práticas racistas, misóginas, LGBTfóbicas, xenófobas e capacitistas, o projeto se apoiou na divulgação científica e acadêmica, bem como no letramento digital crítico, conforme discutido por Oliveira e Giacomazzo (2017), como modos de combate às notícias inverídicas e aos discursos de ódio. Através dos canais de comunicação do grupo de pesquisa Corpus Possíveis, o JADiH alcançou milhares de pessoas em diversas cidades e países e consolidou a parceria com o Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS/UFOB), expandindo ainda mais o seu campo de atuação através do maior evento organizado pelo programa, o Fórum Sociedade Crítica.

Palavras-chave: Discursos de ódio. *Fake news*. Democracia. Letramento digital. Ativismo digital.

Abstract

This experience report addresses the Young Activists for Human Rights (JADiH) outreach project, which aims to develop and promote a critical citizen participation highly engaged in the fight against fake news and hate speech, especially those disseminated online. Concerned with direct attacks on democratic and constitutional values and with the widespread use of social networks for racist, misogynistic, LGBTphobic, xenophobic and ableists practices, the project relied on scientific and academic dissemination, as well as critical digital literacy as ways to combat fake news and hate speech. Through the communication channels of the research group Corpus Possíveis, JADiH reached thousands of people in several cities and countries and consolidated the partnership with the Graduate Program in Human and Social Sciences (PPGCHS/UFOB), further expanding its field of action through the largest event organized by the program, the Critical Society Forum.

Keywords: Hate speeches. Fake news. Democracy. Digital literacy. Digital activism.

O projeto e suas motivações

O ascendente fenômeno da globalização, perceptível explicitamente aos nossos olhos, criou outras possibilidades para além da difundida ideia de interdependência econômica. O avanço das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), muito mais do que facultar o processo de democratização de conhecimentos por meio de plataformas digitais, permitiu que não somente informações fossem difundidas por quem quer que possua esses meios, mas também que elas fossem criadas por qualquer um, ou seja, tanto por profissionais especializados e comprometidos com a difusão de conhecimento empírico e científico quanto por qualquer pessoa que, no mínimo, possua um aparelho de celular. Todavia, não foram mensurados os possíveis impactos que isso poderia causar à democracia, aos direitos humanos e ao bem-estar biopsicossocial das pessoas, uma vez facultados pela falta de um letramento digital² de qualidade e da escassa característica social de duvidar.

Este relato de experiência versa sobre esses aspectos. Em novembro de 2020, o projeto de extensão universitária *Jovens Ativistas pelos Direitos Humanos* (JADiH) se iniciou na Universidade Federal do Oeste da Bahia (UFOB). Financiada pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (Proec) e com a duração de um ano, o JADiH

2. Ao longo do texto, definiremos o conceito de “letramento” ou “literacia digital”. Por ora, destacamos que, neste escrito, filiamos-nos à perspectiva de Oliveira e Giacomazzo (2017), os quais, ao estender o conceito de “literacia digital”, o compreendem como capaz de oportunizar aos sujeitos reflexão, análise, classificação e crítica de uma informação falsa. Nesse sentido, seria possível, segundo as pessoas autoras, falar-se em letramento – ou literacia – digital crítica.

buscou elaborar mecanismos para a formação virtual ativista com foco no engajamento para o combate de notícias falsas (*fake news*) e discursos odiosos, âmbitos por vezes fundidos em um só. O projeto dialogava com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), de número cinco e dez, que tratam, respectivamente, da Igualdade de Gênero e da Redução das Desigualdades (ONU, 2022).

A ideia inicial era fornecer formação intelectual de qualidade a jovens estudantes (da educação básica e de graduação) no campo dos Direitos Humanos com o propósito de enfrentar as notícias falsas, muitas vezes violentas, que tanto mal fazem à democracia. Entretanto, em vistas da progressão dos boletins epidemiológicos da Covid-19³ em âmbito nacional, a metodologia do projeto foi reajustada. Não por acaso, a proposição do JADiH se contextualizou com a emergência do cenário mundial da pandemia, cujo enfrentamento tem sido muitíssimo dificultado devido à disseminação de notícias falsas e discursos de ódio. A metodologia que sustentou este projeto baseava-se na formação cidadã ativista e no entendimento dos aspectos sociais, políticos e culturais da pandemia do SARS-CoV-2, a qual não pode ser compreendida apenas em sua perspectiva biomédica, como nos ensinou a resposta brasileira à epidemia de HIV/aids.

3. Declarada em 30 de janeiro de 2020 como uma emergência de saúde pública de importância global, a pandemia de SARS-CoV-2 tem alterado todas as esferas do dinamismo social. Por se tratar de um vírus que percorre sobretudo as vias aéreas, diversas medidas foram adotadas, como o distanciamento social, a redução de aglomerações, o uso de máscaras, dentre outras. Todavia, a vacinação tem sido uma das maiores, senão a maior aliada no combate à doença. Logo, com o avanço dos índices vacinais no Brasil e no mundo, a tendência é que o número de contaminados e de mortes se reduza gradualmente (OPAS, s.d.).

É dizer: da mesma forma que o enfrentamento do vírus do HIV e da doença dele resultante, a aids, passou pelo combate do preconceito, contemplando o que poderíamos nomear de *letramento cultural* sobre a enfermidade, agora, no que concerne ao coronavírus e à doença dele resultante, a Covid-19, isso também se aplica.

Lamentavelmente, as notícias falsas e os discursos de ódio têm crescido de maneira vertiginosa no mundo todo, seja em países europeus, com larga e antiga experiência no combate a distintas intolerâncias, seja em países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Racismo, misoginia, LGBTfobia, xenofobia, capacitismo, bem como outras modalidades de não aceitação da diferença podem ser incluídas no rol de discursos de ódio. Contudo, tais formas violentas de interpelação da alteridade não nascem de forma espontânea no interior das sociedades. São, isso sim, reflexo de uma compreensão torta da diversidade humana. São, mais do que isso, a evidência de que a “gramática” dos Direitos Humanos como forma de assegurar a dignidade das pessoas, de todas elas, se encontra sob ataque. Logo, verifica-se que os Direitos Humanos, sobretudo no ambiente digital, têm sido postos em xeque. Assim, entendemos que o conhecimento dos Direitos Humanos e o incentivo à participação cidadã altamente engajada, inclusive entre a população jovem, são os caminhos para o fortalecimento do Estado democrático de direito e da redução das injustiças socialmente motivadas.

A priori, quando iniciamos o projeto em novembro de 2020, pairava em nossas discussões teóricas certa insegurança quanto à aplicabilidade da metodologia prevista, dado que o nosso planejamento também estava pautado no contato direto com outras pessoas, e o quadro epidemiológico do Coronavírus em âmbito regional e nacional se agravava rápida e progressivamente.

Assim, nos propusemos a iniciar nossos encontros de discussão teórica até o final do mês de dezembro, nos debruçando em produções acadêmicas relacionadas a eixos temáticos muito caros ao nosso projeto de extensão, tais como: *fake news*, pós-verdade, redes sociais, letramento digital, discursos de ódio, democracia, dentre outros. Ficamos sempre assimilando-os à emergência da Covid-19, posto que, como antes mencionamos, fomos tomados de assalto pela irrupção desse vírus extremamente letal, o qual não apenas passou a se apresentar como um tema em nosso projeto, mas, e de maneira especial, produziu impactos sensíveis na metodologia do JADiH. Dentre outras biografias utilizadas, nos valem das contribuições de Martins (2019) e Freitas (2010). Ambas foram basilares para a compreensão dos discursos odiosos nas redes sociais e para reflexionarmos sobre o conceito de letramento ou literacia digital.

A execução da extensão universitária, mais do que somente levar a academia para o fora de si, para a sociedade, demanda que coordenador/orientador e bolsista estejam sincronizados sobretudo para mediar o diálogo entre a universidade e o público externo. É preciso uma articulação efetiva para que a produção acadêmica seja adaptada a todos os públicos que venham a acessá-la, de modo que não somente conheçam o que produzimos na universidade, mas também que produzam junto conosco um conhecimento científico de qualidade, levando-o para o convívio particular e, assim, desenvolvendo a criticidade, bem como estimulando o benefício da dúvida, cerne da ciência.

Tal entendimento de extensão universitária, preocupado com o estabelecimento de um diálogo polifônico com a sociedade, guarda

relação com o que Boaventura de Sousa Santos (2009) nomeou *ecologia de saberes*, ou seja:

[...] o reconhecimento da existência de uma pluralidade de formas de conhecimento além do conhecimento científico. Isto implica renunciar a qualquer epistemologia geral. Em todo o mundo, não só existem diversas formas de conhecimento da matéria, sociedade, vida e espírito, como também muitos e diversos conceitos sobre o que conta como conhecimento e os critérios que podem ser usados para validá-lo. (SANTOS, 2009, p. 45-46)

Nesse sentido, nos parece importante destacar que os nossos objetivos com o JADiH não disseram respeito à produção de um *deslocamento* da Universidade para o fora, para o “além de seus muros”, como se costuma dizer. Não. Em absoluto. Os propósitos do projeto assentavam, em primeiro lugar, na compreensão, humilde em nossa análise, de que o entendimento que temos do mundo excede, em muito, o entendimento que a Universidade tem do mundo. Por isso é imperativo, assim defendemos, também em escuta às admoestações de Sousa Santos já referenciadas, que ocorra um *diálogo produtivo* com a sociedade; tal conversação, destacamos, teve lugar em nosso projeto.⁴

4. No desenho inicial do projeto, pensamos em produzir, no diálogo com as pessoas participantes do JADiH, uma plataforma digital, uma espécie de repositório, com conteúdos criativos com vistas ao enfrentamento das notícias falsas e dos discursos de ódio. Devido à emergência da pandemia, como apontamos, os planos foram alterados. Contudo, mesmo assim, ao nos aproximarmos da linguagem das redes sociais, parecemos, no tratamento de nossos temas, todos caros aos Direitos Humanos e à ampliação da democracia, conseguimos estabelecer uma conversação produtiva com o público-alvo do JADiH: as populações jovens.

Pesquisa e pós-graduação: eixos articuladores do projeto

Iniciado o ano de 2021, e em virtude da grave continuidade dos riscos pandêmicos, produzimos outras possibilidades de realização do JADiH, de modo a respeitar o que havia sido proposto e aprovado no projeto inicial, mas também preservando a nossa saúde, tanto física quanto mental. Desse modo, nos apropriamos dos canais de comunicação (Instagram, Facebook, WhatsApp e YouTube) do grupo de pesquisa *Corpus Possíveis* (UFOB), o qual é liderado pelo professor Dr. Carlos Henrique de Lucas e pela professora Dra. Terezinha Oliveira Santos. Essa apropriação foi importante, uma vez que não precisamos captar, de partida, público, ou melhor, “inscritos” para os conteúdos produzidos por nós. Partindo de canais com público já consolidado, nos foi demandado, notadamente, a ampliação do número de pessoas inscritas. Quem trabalha com redes sociais sabe que iniciar um canal ou página do “zero” é tarefa bastante difícil.

A estratégia de utilizarmos os canais de comunicação do *Corpus Possíveis* foi precisa, pois, desde a sua criação até o momento em que escrevemos, o canal do YouTube acumula mais de 39 mil impressões, ou seja, as miniaturas dos nossos vídeos foram exibidas mais de 39 mil vezes na plataforma de vídeo. Desde o início até aqui, os nossos vídeos têm um total de 3.164 visualizações, um público formado, pelo menos, por pessoas do Brasil, dos Estados Unidos e da Argentina. Comprometidos com a divulgação científica que responde vigorosamente contra discursos de ódio e que contesta notícias inverídicas, temos até o momento 180 inscritos.

Vale registrar, também, que o grupo *Corpus Possíveis* está ligado diretamente ao Programa de Pós-graduação em Ciências Humanas e Sociais (PPGCHS), responsável por um dos maiores eventos científicos da UFOB e da região Oeste da Bahia, o Fórum Sociedade Crítica (FSC), que em sua última edição (2021) teve como tema *Vida insubmissa, pensamento transgressor*. A relação com o PPGCHS e com o FSC proporcionou, de um lado, a ampliação do público a ter acesso aos conteúdos criados por nós, e, por outro, provocou algo que é não só desejado pelas agências de fomento de pesquisa, como Capes e CNPq, como ainda é imperativo, é dizer, a integração entre a graduação e a pós-graduação. Essa associação ocorreu de modo explícito durante o evento, pois diversas sugestões foram compartilhadas via *chat* entre os discentes da graduação e da pós-graduação, não somente do PPGCHS como também de outros programas. Sugestões literárias, acadêmicas, fílmicas e artísticas foram permutadas entre nós, expandindo os contatos entre a comunidade universitária da UFOB e a população externa.

Através das redes sociais do *Corpus*, propomos quadros temáticos semanais que se apoiaram sobretudo na divulgação científico-acadêmica de materiais de inegável relevância. Exemplificativamente, o quadro *Livro da semana* divulgou obras como *Erguer a Voz*, da ativista norte-americana Bell Hooks. Até o momento, somente no Facebook e no Instagram o quadro alcançou 2.388 contas e acumulou 421 interações, entre comentários, curtidas, reenvios e salvamentos. Criamos também o quadro de sugestão fílmica, onde expomos, por exemplo, a produção *Estrelas além do tempo*, filme que se passa durante a corrida espacial e mostra os desafios de mulheres negras, cientistas que trabalham na Nasa

(Agência Espacial Americana), enfrentando diariamente os desafios de um ambiente dominado por homens e pessoas brancas. Esse quadro teve até aqui mais de 1.000 contas acessadas.

Ademais, por meio do quadro *Corpus Divulga*, expomos e dialogamos com produções científicas dos membros do *Corpus Possíveis*, impelindo reflexões críticas baseadas na liberdade de pensamento e na autonomia das pessoas. Nesse ínterim, também dialogou conosco o artigo *A violência enquadrada: projetos culturais da extrema direita global*, escrito pelo professor Dr. Carlos Henrique de Lucas e por Delson dos Santos Oliveira, outro membro do *Corpus Possíveis*. Ao mesmo tempo em que investiga a mirada extremista de projetos culturais da extrema direita, a obra também aborda comentários de usuários no Portal Uol, em uma reportagem sobre a equiparação da homolesbotransfobia ao crime de racismo, decidida pelo Supremo Tribunal Federal (STF). As autorias notaram nos discursos encontrados enfáticas afrontas à igualdade e à dignidade humana, bem como à democracia – âmbitos duramente atacados pelas notícias falsas (LUCAS; OLIVEIRA, 2020). Cabe dizer que essas divulgações alcançaram em torno de 1.500 perfis nas plataformas citadas, não considerando a sua disseminação por meio do WhatsApp.

Letramento digital crítico e desinformação

Foi com uma agenda de discussão virtual que prezava pelo letramento digital e estava comprometida com elementos cruciais para a manutenção dos direitos humanos que datas comemorativas, destinadas para a conscientização das pessoas, também foram

objetos para a disseminação de conhecimento científico. No dia 28 de junho, por exemplo, Dia internacional do orgulho LGBTQIA+, contextualizamos o significado da sigla e sugerimos leituras relacionadas ao tema. Como parte indissociável da nossa agenda, debatemos amplamente o termo *fake news*, evidenciamos suas ramificações, divulgamos possíveis plataformas de checagem de notícias, e o *modus operandi* da articulada rede de ataque direto aos princípios constitucionais. A ideia foi incitar as pessoas não somente à reflexão, mas também ao estudo e à ação de combate a essas notícias, considerando o quanto comprometem o nosso próprio bem-estar. Nas nossas publicações discorrendo sobre o tema, atingimos mais de 1.388 contas.



Figura 1. Você sabe o que são *Fake News*?

Fonte: Instagram do grupo de pesquisa *Corpus Possíveis*, 2021.



Figura 2. Breve conceituação histórica das *Fake News*
Fonte: Instagram do grupo de pesquisa *Corpus Possíveis*, 2021.



Figura 3. Afinal, o que são notícias falsas?
Fonte: Instagram do grupo de pesquisa *Corpus Possíveis*, 2021.

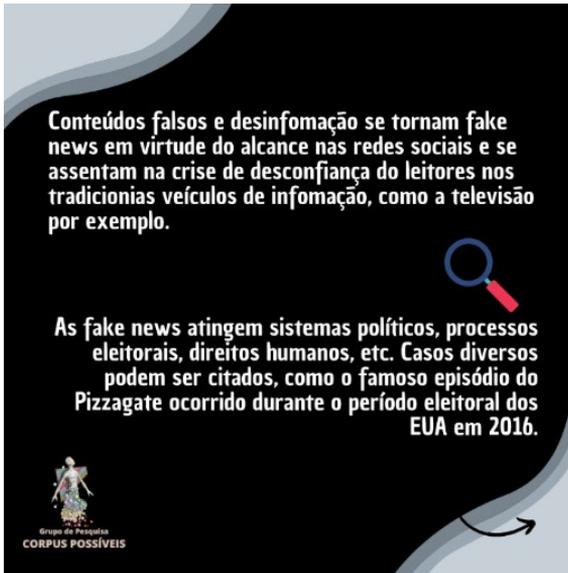


Figura 4. O caráter riscos da desinformação

Fonte: Instagram do grupo de pesquisa *Corpus Possíveis*, 2021.

Com materiais análogos aos das imagens acima, apostamos no letramento digital como um aliado no processo de combate às *fake news* e aos discursos de ódio. Urge que os espaços educativos discutam e ampliem as reflexões sobre as tecnologias e suas possibilidades de uso e desuso, sobretudo num momento histórico bruscamente repensado para o enfrentamento da pandemia, em que termos como “virtual”, “síncrono”, “assíncrono” e muitos outros passaram a fazer parte dos nossos diálogos. Através do letramento digital, ou como discutem Giacomazzo e Oliveira:

[...] sendo um letrado digital crítico, o sujeito terá condições de elaborar juízos (questionar, argumentar, significar) e verificar a veracidade das informações, dessa forma construindo criticamente seu ponto de vista, pensando sobre as implicações para seu cotidiano e a

vida em sociedade. Apropriando-se dos conhecimentos que pressupõem uma literacia digital crítica, esse sujeito poderá fazer análises tanto do contexto digital quanto do contexto real, produzindo outros sentidos nesse movimento de apropriação. (GIACOMAZZO; OLIVEIRA, 2017, p. 170)

Ora, não basta que saibamos o que significa letramento ou literacia digital. É preciso sair do lugar comum de passividade investigativa e se munir de mecanismos que permitam averiguar informações, confrontá-las entre si e contestá-las se for preciso. É assim que a habilidade de questionar induz à construção de opiniões embasadas em conhecimento científico e especializado, ao contrário do senso comum, que se escora em qualquer fonte informacional, desde que essa seja condizente com os seus interesses e arbítrios.

Indubitavelmente, não estamos aqui para reduzir a virtualidade aos riscos advindos de informações inverídicas, dado que as tecnologias fornecem diversos facilitadores no processo de ensino e aprendizagem, entretanto,

[...] a tela como espaço de escrita e de leitura traz não apenas novas formas de acesso à informação, mas também novos processos cognitivos, novas formas de conhecimento, novas maneiras de ler e de escrever, enfim, um novo letramento, isto é, um novo estado ou condição para aqueles que exercem práticas de escrita e de leitura na tela. (SOARES, 2002, p. 152)

A falta de condições para um exercício cuidadoso dessas práticas foi exposta cruelmente durante a pandemia. Basta que observemos as diversas notícias falsas relacionadas à prevenção, ao tratamento e até mesmo à vacinação contra a Covid-19. É preciso

fazer uso dos próprios veículos informacionais para difundir conhecimento de qualidade atrelado ao uso responsável da capacidade de difusão de notícias e de criação de dados.

Também basilar para a execução do projeto foi a vinculação à *Revista SUL-SUL de Ciências Humanas e Sociais*, vinculação essa que teve por propósito central evidenciar as valiosas temáticas que já haviam sido abordadas pelo periódico em relação direta com o JADiH⁵. Em parceria com o projeto, foram realizadas três *lives* de lançamento de números da revista. Em fevereiro de 2021, lançamos o v. 1, n. 3, intitulado *Nossos feminismos americanos e descoloniais: escritos anfíbios entre militâncias e academia*, um dossiê que aborda reflexões sobre a colonialidade do ser, do saber e do gênero e sobre as desigualdades e privilégios que esses regimes materializam e reproduzem nos modos de nos relacionarmos. A *live* via YouTube alcançou, até o momento, 130 visualizações e diversos comentários na plataforma.

Lançado em março de 2021, o número especial *Marielle Franco Presente!* compartilha pesquisas, ensaios, experiências, entrevistas e “escrevivências” sobre a vida, obra e legado da vereadora e ativista dos Direitos Humanos Marielle Franco. Comentários como “A *live* foi maravilhosa, ansiosa para ler os textos”, “Assistindo do RS. Temática essencial em tempos sombrios. Parabéns!!!” foram postados no *chat*, impulsionando o encontro que teve 81 visualizações e mais de 400 impressões.

5. Dentre as produções afins ao JADiH já publicadas na *SUL-SUL*, destacamos o texto *Sentidos e consequências da pandemia*, disponível no v. 2, n. 1, de 2021; e a obra *A presença de Marielle Franco: arte, direitos humanos e educação para o feminismo negro*, disponível no v. 1, n. Especial, de 2021.

Em seguida, no mês de maio, foi lançado o v. 2 n. 1, de 2021, *Da pandemia de 2020: urgências e emergências da discussão sobre dominações, opressões e discriminações*, um dossiê que interliga áreas de conhecimento de diferentes regiões do Brasil, da América Central e do Sudoeste africano, de modo a enfrentar as diversas emergências do cenário pandêmico vivido desde março de 2020. O lançamento, também via YouTube, teve mais de 180 impressões.

Apesar de não ter ocorrido uma *live* de lançamento, foi ao ar em outubro de 2021 o v. 2, n. 2: *Epistemologias e ativismos lésbicos no Sul global*, uma produção também contra-hegemônica que versa, grosso modo, sobre a descolonização epistemológica e sobre os moldes heteropatriarcais e heteronormativos presentes em macro e microrrelações. Conforme os dados dessa edição do periódico, foram feitos até o momento 510 *downloads* das produções.

Como nos diz Delmazo e Valente (2018, p. 175), “conteúdos falsos e desinformação tornam-se *fake news* em virtude do alcance”, ou seja, em virtude da sua capacidade de disseminação. Assim, quem quer que possua um aparelho de celular, por menos sofisticado que seja, pode fazer uma notícia falsa circular em diversos grupos de WhatsApp, gerando pânico e comprometendo a difusão de conhecimentos verídicos e produzidos por especialistas. Por isso, usamos a mesma possibilidade de disseminação de conhecimentos para exibir, a cada edição lançada pela *Revista Sul-Sul de Ciências Humanas e Sociais*, as obras então publicadas. Nesse movimento, alcançamos mais de 5.000 contas somente no Instagram.

Nesse ínterim, o projeto JADiH viria a se expandir ainda mais. Em outubro de 2021, lançamos o livro *Temas Contemporâneos em Ciências Humanas e Sociais*, financiado pela UFOB, também por meio da

Proec. A obra trata dos atravessamentos que perpassam a heterogeneidade dos corpos e foi organizada pelas lideranças do *Corpus Possíveis* (já supracitadas), além de contar com a atuação direta do bolsista de extensão da *Revista SUL-SUL*, Samuel Oliveira, na qual dialogamos com as autorias no processo de divulgação, submissão e adequação de textos, e na comunicação com a Editora CRV.

Juntos, preparamos um material que se torna um aliado ao JADiH, ao propor temas como gênero, sexualidade, necrobiopolítica, letramento racial, maternidade, pandemia, envelhecimento do corpo da mulher, hetero e cisnormatividade, dentre outros. Além de tudo isso, o processo trouxe visibilidade nacional e internacional para a nossa universidade que é interiorizada no oeste da Bahia, um local marcado pela presença de manifestações inconstitucionais (CAMINHONEIROS..., 2021).

Considerações finais

Ao nos alinharmos com o bom-senso, a ética e o cuidado das redes sociais e, conseqüentemente, das rotinas e lares diversos, conciliando os nossos interesses com o de todas as pessoas desejosas por um Estado promotor de bem-estar social, alcançamos um enorme público nesse período. Transpondo limites geográficos, alcançamos pessoas em Palmeiras, Barreiras, Salvador, Brasília, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul etc.; e, até mesmo, em outros países como Argentina, Portugal, Colômbia, Estados Unidos. Mesmo sabendo que parte da população não possui acesso à *internet*, os dados apontam que colaboramos com a democratização da linguagem e dos conhecimentos científicos. Além disso, o estímulo à criticidade também foi incitado por nós, por considerarmos que

esse é um dos métodos para a identificação de notícias falsas e de discursos de ódio.

Nesse período de um ano, percebemos – mais uma vez – o quanto podemos fazer para provocar fissuras em hábitos já estabelecidos. A parceria orientador/orientando não somente foi construída, como também foi ramificada, de modo que hoje estamos envolvidos em diversos projetos. Ademais, o projeto foi mais um método demonstrativo do poder que o conhecimento científico tem de ressignificar postulados e de estimular a dúvida. Reiteramos a eficácia da epistemologia dissidente para o embate direto e qualificado com estruturas de poder que malefician corpos diversos e, apesar da não presencialidade, consideramos, a partir dos resultados alcançados com o JADiH, que o nosso percurso foi exitoso e colaborou sobremaneira para que as pessoas soubessem o que são *fake news* e pudessem identificá-las, desse modo tornando-se capazes de combatê-las com a legitimidade da ciência.

Referências

CAMINHONEIROS realizam manifestações e bloqueiam rodovias federais da Bahia. *G1 BA*, 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/09/09/caminhoneiros-realizam-manifestacoes-e-bloqueiam-rodovias-federais-da-bahia.ghtml>. Acesso em: 28 jan. 2021.

DELMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. *Media & Jornalismo*, Lisboa, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018. Disponível em: https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_32_11. Acesso em: 29 jan. 2022.

FREITAS, M. T. Letramento digital e formação de professores. *Educ. rev.*, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 335-352, dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/edur/a/N5RryXJcsTcm8wK56d3tM3t/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 9 abr. 2020.

GRUPO DE PESQUISA CORPUS POSSÍVEIS. *Ei, você! Você sabe o que são fake news?* Barreiras. 30 jun. 2021. Instagram: @corpus.possiveis. Disponível em: https://www.instagram.com/p/CQwsR_FDWgg/?utm_medium=copy_link. Acesso em: 28 jan. 2022.

LUCAS, C. H. de.; OLIVEIRA, D. S. A violência enquadrada: projetos culturais da extrema-direita global. *Revista Interações Sociais*, Rio Grande, v. 4, n. 1, p. 48-61, jan./jun. 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/reis/article/view/11818>. Acesso em: 27 jan. 2022.

MARTINS, A. C. L. Discurso de ódio em redes sociais e reconhecimento do outro: o caso M. *Revista Direito GV*, São Paulo, v. 15, n. 1, e1905, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/jj/rdgv/a/WPZBfgrv6Md957dSxz7Hh5h/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 4 abr. 2022.

OLIVEIRA, M. M.; GIACOMAZZO, G. F. Educação e cidadania: perspectivas da literacia digital crítica. *EccoS Revista Científica*, São Paulo, n. 43, p. 153-174, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/7393>. Acesso em: 29 jan. 2022.

ONU. Organização das Nações Unidas. *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. 2022. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>. Acesso em: 28 jan. 2022.

OPAS. Organização Pan-Americana Mundial da Saúde. Histórico da pandemia de Covid-19. [s.d.]. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 29 jan. 2022.

SANTOS, B. S. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, B. S.; MENESES, M. P. (Orgs.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Edições Almedina, 2009. p. 23-71. Disponível em: <https://www.icict.fiocruz.br/sites/www.icict.fiocruz.br/files/Epistemologias%20do%20Sul.pdf>. Acesso em: 28 jan. 2022.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. *Educação & Sociedade*, Campinas, v. 23, n. 81. p. 143-160, dez. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302002008100008>. Acesso em: 29 jan. 2022.